

bagagem, apenas isso. Tudo menos real que Wragby, o horrível Wragby.

E as pessoas? Todas a mesma coisa. Todas queriam dinheiro; ou se eram turistas, queriam prazer a qualquer preço, ainda que fosse esmagando pedras para tirar sangue! Pobres montanhas, pobres paisagens, era preciso esmagá-las, reduzi-las a poeira para extrair delas um pequenino prazer. Que significava toda essa gente com a sua firme resolução de divertir-se?

— Não, dizia Constance a si mesma, eu prefiro estar em Wragby, onde posso ir e vir, e quedar-me tranqüila e nada ver e não me divertir. Toda essa vasta empresa de divertir, que é o turismo, não passa de um desastre humilhante. Constance desejava voltar a Wragby, voltar mesmo a Clifford, o pobre mutilado. Era menos estúpido que a legião dos imbecis em férias.

Mas no íntimo de sua consciência continuava em contato com o outro homem. Indispensável não quebrar-se o liame que os unia. Oh! Se não fosse assim, considerar-se-ia perdida, e completamente perdida, nesse mundo de ricos idiotas e de animais de prazer. Oh! Os animais de prazer! Oh! "divertir-se!" Forma moderna de náusea.

Hilda deixou o auto numa garagem em Mestre e tomou o barco a vapor para Veneza, por uma bela tarde de outono. O vento arrepiava a laguna e o sol tornava Veneza, lá do outro lado, quase obscura.

No cais saltaram do barco para uma gôndola e deram um endereço ao mestre, um legítimo gondoleiro de blusa azul e branca, nada belo, nem impressionante.

— Sim! a Vila Esmeralda, sim, conheço-a! Fui o gondoleiro dum senhor que lá esteve. Mas é longe.

Parecia infantil e impulsivo. Remava com exagerado ímpeto pelo meio dos pequenos canais de hediondos muros verdes e peganhentos — os canais que atravessam os bairros pobres onde a roupa lavada pende de corda e tudo cheira a esgoto.

Mas chegaram a um dos canais mais amplos, margina-dos de passeios e salteados de pontes, que cortam em ângulo reto o Grande Canal. O gondoleiro ia atrás delas.

— Vão as senhoras ficar muito tempo na Vila Esmeralda? indagou ele delas, enxugando o rosto num lenço azul e branco, sem interromper o movimento dos remos.

— Aí uns vinte dias; somos ambas casadas, disse Hilda em seu italiano de inglesa.

Houve uma pausa. A seguir o homem perguntou:

— Não querem um gondoleiro pelos vinte dias de estação? Pode ser por dia ou por semana.

As duas hesitaram. Em Veneza o melhor é ter sua própria gôndola, como em terra é ter o seu próprio auto.

— Que embarcação há na Vila?

— Uma lancha-automóvel e também gôndolas, mas...

— E qual o preço?

O homem pediu trinta xelins por dia, ou dez libras por semana.

— É o preço habitual? perguntou Hilda.

— Menos, Signora. O preço habitual é maior...

As duas irmãs consultaram-se.

— Pois bem, apareça amanhã de manhã que combinaremos. Qual o seu nome?

Chamava-se Giovanni e indagou da hora em que deveria vir e com quem deveria tratar. Hilda não tinha cartão; Constance deu o seu. O gondoleiro lançou sobre ele um olhar rápido, quente, dum azul meridional.

— Ah! Milady! Milady é o seu nome, não?

— Milady Constanza! disse Constance.

— Milady Constanza! repetiu Giovanni, guardando o cartão com muito cuidado no bolso da blusa.

A Vila Esmeralda era longe, no extremo da laguna, de-frente de Chioggia. Vivenda não muito velha, agradável, com terraços para o mar e um grande jardim de árvores som-brias. O dono, um escocês pesado, grosseiro, que fizera fortuna na Itália antes da guerra e depois fora nobilitado pelo seu superpatriotismo. Casado com uma mulher magra, páli-da, toda angulosa, sem fortuna pessoal, com a desgraça de ter de fiscalizar as façanhas amorosas, muito sórdidas, do marido. Um homem terrível para com os criados, mas que como sofrera no inverno anterior um ataque de cabeça, ficara mais manejável.

A vila estava cheia. Além de Sir Malcolm e suas filhas, mais sete hóspedes. Um casal escocês também com duas fi-